

OS “MANUSCRITOS DE 1844” DE KARL MARX (ECONOMIA POLÍTICA E FILOSOFIA)

Louis ALTHUSSER¹

A publicação dos Manuscritos de [18]44 constitui um verdadeiro acontecimento, sobre o qual quero atrair a atenção dos leitores [da *La Pensée*]².

Primeiramente, acontecimento *literário e crítico*. Até aqui os Manuscritos não eram acessíveis aos leitores de língua francesa na tradução da edição de Costes (Molitor, Tomo VI das *Obras Filosóficas*). Todos aqueles que se encontravam em necessidade de praticar, sei por experiência que este texto parcial, amputado de importantes desenvolvimentos, aflitos com erros e imprecisões [inexatidões], não poderia constituir um instrumento de trabalho sério. Eis aqui neste momento, graças a E. Bottigelli – cujo devo dizer *o grande mérito* –, em posse de uma edição em dia (a mais atual que sei, uma vez que Bottigelli utilizou as últimas informações da leitura e da correção lhe comunicado pelo Instituto Marx-Engels de Moscou) apresentada na ordem mais racional (MEGA), e numa tradução notável por seu rigor, sua minúcia, suas anotações críticas, e direi também, o que é muito importante, por sua segurança teórica (deve-se saber que é uma tradução concebível à *condição* expressa que o tradutor *seja bem mais que um tradutor*: um homem advertido [instruído] e penetrado não somente do pensamento de seu autor, mas também do universo conceitual e histórico, cujo mesmo se nutre. *Condição* cumprida [consolidada] hoje).

Em segundo lugar, acontecimento *teórico*. Estamos aqui em face de um texto que jogou com polémicas, ataque e defesa de Marx, um papel de primeiro plano, depois de 30 anos. Bottigelli explica muito bem como, nesta grande contestação [discussão], os

¹ALTHUSSER, Louis. *Les “Manuscrits de 1844” de Karl Marx (économie politique et philosophie)*. *Chronique philosophique*. In: **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie, Paris: Éditions Sociales, n° 107, pp. 106-109, février. 1963. Neste texto – cuja, Présentation, traduction et notes de Émile Bottigelli. Éditions Sociales, 174 p. – Althusser comenta a tradução francesa (1962) dos *Manuscritos de 1844* de Marx. Tradução de Marquêsuel Dantas de Souza.

² Colchetes acrescentados para melhor situar o leitor. Adverte-se que os grifos no corpo do texto são conforme o original, assim como os parênteses (N.T.).

papeis secompartilharam. Estes são os sociais-democratas (os primeiros editores: Landshut e Mayer, primeiramente) depois os filósofos espiritualistas, existencialistas, fenomenólogos, etc. que fez o sucesso deste grande texto; mas –como se pensa– num espírito muito estranho [desconhecido] que seja à inteligência de Marx, suponhamos mesmo à simples compreensão de sua *formação*. O manuscrito economico-filosófico cumpriu toda uma interpretação ética ou (o que equivale o mesmo) antropológica, até mesmo religiosa com Marx – o *Capital* era então, em seu recuo e aparente “objetividade”, o desenvolvimento de uma intuição do jovem que encontraria sua melhor expressão filosófica e seus conceitos neste texto: diante dos conceitos de *alienação*, de *humanismo*, de *essência social do homem*, etc. É conhecido que os marxistas não pensaram em reagir tardiamente e que sua reação foi somente à medida de seus receios e de sua precipitação: eles tendiam defender Marx em bloco, e para retomá-lo, também; *mas para o proveito do Capital*, a tese de seus adversários, superestimando assim os prestígios teóricos de texto de [18]44.

Bottigelli tem, neste ponto, fórmulas notáveis (pp. IX, XXXIX). Elas introduzem uma exigência, a qual nenhum comentador sério pode escapar [esquivar-se]: definir um método de investigação novo e rigoroso, um “*outro método*” (p. X), aquele da simples assimilação antecipadora ou retrospectiva. Estes Manuscritos, que foram [ou eram] um argumento de uma luta, o pretexto de um processo ou reduto de uma defesa, *podemos e devemos* assim doravante tratá-los por aquilo que são, os examinar em sua especificidade com o rigor de um método seguro: como um *momento* da formação do pensamento de Marx, que, como todos os momentos de um futuro intelectual, emprega certamente um porvir, mas identifica um *presente* singular e irreduzível. Não é exagero dizer que Bottigelli nos deu nesta tradução irrepreensível um *objeto privilegiado*, que interessa aos marxistas um duplo título teórico: porque concerne a *fomação*, ou melhor, a *transformação* do pensamento de Marx, mas também porque oferece a teoria marxista das ideologias uma ocasião exemplar de exercer e provar seu método.

Acrescento enfim que esta tradução é introduzida por uma importante Apresentação histórica e teórica, que não só nos lança nos problemas essenciais, mas os situa e os esclarece.

Qual é de fato o caráter específico dos Manuscritos de [18]44, quando comparados aos textos anteriores de Marx? O que eles trazem radicalmente de novo? A

resposta está neste fato: os *Manuscritos* são o produto do *encontro de Marx com a economia política*. Certamente não é pela primeira vez que Marx se encontra, como ele mesmo diz, na “necessidade” de dar seu parecer sobre questões de ordem *econômica* (assim, desde 1842 a questão do roubo da madeira evoca toda a condição da propriedade feudal agrária; assim o artigo de 42, igualmente, sobre a censura e a liberdade da Imprensa encontra a realidade da “indústria”, etc. etc.) mas encontrou na Economia questões de economia política e tangencialmente debates *políticos*; em suma, ele não encontrou a economia política, mas certos efeitos de uma *política econômica* ou certas condições econômicas de conflitos sociais (Crítica da filosofia do Estado de Hegel). Em [18]44, é a economia política *em pessoa* que afronta Marx. Engels tinha-lhe aberto o caminho em seu “esboço geral” sobre a Inglaterra. Mas tanto quanto Engels, a necessidade de buscar além da política a razão de conflitos inssolúveis em seu seio, o impulsionou (o levou) a este encontro. Exceto este encontro – o primeiro –, os Manuscritos são dificilmente inteligíveis. No período parisiense (fevereiro-maio de [18]44) decisivo a este respeito, Marx dedicou-se aos economistas clássicos (Say, Skarbek, Smith, Ricardo), e toma notas abundantes das quais encontra o traço mesmo no corpo do *Manuscrito* (a primeira parte comporta[ou contém] citações muito longas), –como ele queria tomar nota de um fato. Mas, ao mesmo tempo que toma nota deste fato, ele constata que *este fato repousa* – ao menos nos economistas que lê –, *sobre nada*; está no ar e carece de seu próprio princípio. O encontro com a economia política, é portanto, de um único movimento, *reação crítica* à economia política e busca exigente de seu *fundamento*.

206

De onde vem para Marx a convicção de que a Economia política não está *fundada* [ou é *infundada*]? As *constradições* que ela reconhece e registra, senão aceita e transfigura, e acima de tudo, da contradição maior que opõe a *pauperização*[empobrecimento] crescente dos trabalhadores nesta singular *riqueza* cuja economia política celebra o acontecimento no mundo moderno. Aí está a cruz, aí está o fracasso desta ciência otimista que se edifica sobre este carente [necessitado] argumento, como a riqueza dos proprietários na carência dos trabalhadores. Aí também está seu escândalo que Marx quer suprimir dando à economia este princípio do qual ela se priva e que será sua luz e sua sentença.

É aqui que se descobre a outra face dos Manuscritos: *a filosofia*. Pois o encontro de Marx com a economia política é *ainda*, nos diz Bottigelli muito bem (p. XXXIX,

LIV, LXVII, etc.), um encontro da *filosofia* com a Economia Política. Certamente não importa qual *filosofia*: a filosofia edificada por Marx através de todas as suas experiências prático-teóricas (Bottigelli retraçou os momentos essenciais: o idealismo dos primeiros textos, mais próximos de Kant e de Fichte que de Hegel; a antropologia de Feuerbach) modificou, corrigiu, ampliou por si só este encontro. De todas as formas, há ainda uma filosofia, profundamente marcada pela problemática feuerbachiana (Bottigelli, p. XXXIX) e tentada [atraída, seduzida] pela hesitação de um retorno, de Feuerbach à Hegel. É esta filosofia que resolve A contradição da Economia Política – *pensamos*–, e através dela, pensando toda a Economia Política, todas as categorias a partir de um conceito chave: o conceito de *trabalho alienado*. Aí, estamos verdadeiramente no coração do problema, e próximos, por vezes, de todas as tentações seja do idealismo ou seja da precipitação materialista...pois encontramos, *à primeira vista* familiarizados, quero dizer, numa paisagem conceitual onde podemos identificar a propriedade privada, o capital, o dinheiro, a divisão do trabalho, a alienação do trabalho, sua emancipação e o humanismo que é seu futuro prometido. Todas as categorias ou quase todas que encontraremos no *Capital* e que poderemos a este título aceitar como antecipações do *Capital*, ou melhor, como o *Capital* projetado, melhor ainda, como o *Capital* pontilhado, desenhado, é um esboço que não está completo, se tem o gênio da obra realizada. As pinturas desses traços são todos de um jato emergente e até em sua emergência são maiores do que a obra que os contém. Há alguma coisa desta jorrando na fascinação dos Manuscritos, em sua irresistível *lógica* (Bottigelli fala justamente de seu “rigor de raciocínio”, p. XXXIII, LXII, LIV, e sua “implacável lógica”) e na convicção de sua dialética. Mas há assim a convicção, *o sentido* conferido por esta lógica e este rigor aos conceitos que reconhecemos e, portanto, *o sentido* mesmo dessa lógica e desse rigor: *um sentido ainda filosófico*, quero dizer, *filosófico*; tomando esta palavra na *mesma aceção* a qual Marx fixa mais tarde uma condenação sem apelo. Pois todo rigor e toda dialética só vale o que para *o sentido* lhes serve e lho ilustra.

[Decerto] um dia penetraremos nos detalhes e daremos a este texto uma explicação *palavra por palavra*: interrogar-se sobre o estatuto teórico bem como o papel teórico assinalado pelo conceito chave de *trabalho alienado*; examinar o campo conceitual desta noção; reconhecer que ela desempenha muito bem o papel que Marx lhe assinalou então: um papel de *fundamento original*; mas que pode desempenhar este papel na condição de receber o mandato e a missão de toda uma concepção do *Homem* que vai

extrair da *essência do homem* a necessidade e o conteúdo dos *conceitos econômicos* que nos são familiares. Em suma, há que desempenhar a descoberta sob os termos desejados à imanência de um sentido futuro, o sentido capital que os retém de uma filosofia que exercerá sobre eles seus últimos prestígios e seus últimos poderes. E, sem desejar abusar da liberdade de antecipar acima desta demonstração, eu diria que quase sob esta relação, ou seja, sob esta relação de *dominação radical* da filosofia sobre um conteúdo que em breve se tornará radicalmente independente: o Marx mais distante de Marxé este Marx daqui, o Marx mais próximo, o Marx da véspera, o Marx do limiar [do princípio], – como se antes da ruptura, e para consumir, ele tivesse dado à filosofia todas as chances – a última – este império absoluto sobre o seu contrário e este triunfo teórico sem medida, isto é, sua derrota.

A apresentação de Bottigelli nos põe no coração desses problemas. Olho entre os mais notáveis as páginas onde se interroga sobre o estatuto teórico do trabalho alienado, onde o compara aos conceitos econômicos dos *Manuscritos*, aos conceitos econômicos do *Capital* onde formula a questão fundamental da natureza teórica (para o Marx de [18]44) desta economia política que *se encontra* Nesta simples frase: “A economia política burguesa surgiu a Marx *como uma espécie de fenomenologia*” (p. XLI); me parece decisivo, como me parece capital o fato de que Marx aceita precisamente a economia política *tal como se dá* (p. LXVII), sem colocar em questão o conteúdo dos conceitos e sua sistemática como ele o formará mais tarde: é esta “abstração” da *Economia* que autoriza a outra “abstração”: aquela da filosofia que empregará estabelecer [fundar]. – O reconhecimento da *Filosofia do trabalho* nos Manuscritos rejeitamos necessariamente de *nossa parte*: a este encontro coma economia política nos constrange em formular a questão: qual é portanto a *realidade* que Marx *encontrou* sob a espécie *dessa* economia? A economia em si? Ou melhor, *uma ideologia econômica*, inseparável das teorias dos economistas, ou seja, segundo a forte expressão já citada: uma “*fenomenologia*”?

Vou acrescentar, por fim, uma observação. Se esta interpretação pode descender, certamente é pelo crédito que fazem a *uma confusão* (dificilmente evitável, e faz bem dizer, para nossos contemporâneos, pois todo um passado histórico lhes poupa a distinção destes papéis) o que pode ser chamado as *posições políticas* e as *posições teóricas* de Marx em seu período de formação. Bottigelli viu muito bem esta dificuldade, pois aborda de frente escrevendo por exemplo (p. XXXIII) que a *Crítica da*

Filosofia do Direito de Hegel (1843) “marca a adesão de Marx à causa operária, quer dizer, ao comunismo. Isto não significa que o materialismo histórico já esteja elaborado”. É portanto uma leitura política e uma leitura teórica dos textos de juventude de Marx. O texto como a *Questão judaica*, por exemplo, é um texto politicamente empenhado na luta pelo comunismo. Mas é um texto profundamente “ideológico”: este não é portanto um texto teoricamente identificável [em relação] aos textos ulteriores, que definiram o materialismo histórico e que poderá esclarecer até em seu fundo este movimento comunista real de [18]43, nascido antes dele, independentemente dele ao lado do qual o jovem Marx está posto em ordem, então.

Além disso, mesmo a nossa própria experiência pode chamá-la, talvez, “comunista” sem ser “marxista”. Esta distinção requer, para evitar cair na tentação política de confundir, então, as apreciações das posições teóricas de Marx com suas apreciações de posições políticas e de legitimar as primeiras pelas segundas. Mas essa distinção esclarecedora nos remete sobre o campo à exigência definida por Bittigelli: de conceber um “outro método” para prestar contas da formação de Marx, portanto de seus momentos, de suas etapas, de seus “presentes”, em suma, de sua transformação; para prestar contas dessa dialética paradoxal cujo o mais extraordinário episódio são estes Manuscritos que Marx jamais [nunca] publicou, mas que por isso, sem dúvida, mostramos a nu em seu triunfante e derrotado pensamento, no limiar de ser ele mesmo, por um remanejamento radical, o último, quer dizer, o primeiro.